

SÊNECA E A PLENITUDE DA VIDA HUMANA COMO PRODUTO DO CULTIVO DA FILOSOFIA

Arlei de Espíndola



RESUMO: O artigo pretende mostrar o lugar primordial reservado por Sêneca ao conhecimento filosófico tanto no plano dos saberes produzidos pelo homem como também no âmbito das atividades práticas com as quais este se envolve. Em seu opúsculo intitulado *De brevitae vitae* o filósofo sustenta que o cultivo da filosofia representa a alternativa ideal para viver-se bem, para fazer-se o ciclo da vida humana suficiente, e para alcançar-se, por fim, as mais altas aspirações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia antiga; Estoicismo; Brevidade da vida; Liberdade individual.

ABSTRACT: The article intends to show the primordial place that is reserved by Sêneca to the philosophical knowledge in the plan of the know produced by the man as well as in the extent of the practical activities with the ones which this he is wraps up. In his entitled booklet *De brevitae vitae* the philosopher sustains that the cultivation of the philosophy represents the ideal alternative to live better, to do the cycle of the enough human life, and to reach, finally, the highest human aspirations.

KEYWORDS: Old philosophy; Stoicism; Brevity of the life; Individual freedom.



O estoicismo constitui-se numa importante vertente do pensamento antigo, pouco estudada no presente, que subsistiu ao longo de cinco séculos e estendeu-se do mundo grego ao mundo romano no qual veio encontrar ancoradouro, finalmente, neste prolongado ciclo de duração. Sendo uma corrente filosófica multifacetada e tendo atravessado três fases muito distintas, isto é, a do estoicismo antigo (séculos III-II a.C.), a do médio (século II a.C.), e a do romano ou imperial (séculos I a.C.-II d.C.), encontrou em Sêneca seu maior representante em Roma no começo da era cristã.

Essa tendência especulativa da Antigüidade, juntamente com outras orientações que deixaram seu nome registrado no período helenístico da História greco-romana, costuma ser alvo nos tempos atuais de julgamentos negativos que tendem a rebaixar seu mérito teórico. Essas apreciações críticas são protagonizadas muitas vezes por leitores sem grande conhecimento de causa, que se baseiam em meros preconceitos, e também por simpatizantes unicamente das Filosofias Puras ou Teóricas. Ambos condenam o estoicismo dado ao fato de ele se caracterizar como um tipo de pensamento cuja vocação é marcadamente pragmatista, utilitarista, e voltada para o campo da moral, sobretudo quando conduzida ao mundo romano.

Essa tendência crítica que imprime um rótulo negativo tanto à Escola Estóica como às outras vertentes do Período Helenístico encontra um movimento teórico de resistência em vários autores clássicos e mesmo em exegetas renomados que reconhecem a dívida de muitos pensadores, desde a Idade Média, para com os filósofos consagrados em tal período, definido como objeto, pretensamente, de desprezo absoluto na tradição. Na escrita destes intelectuais aparece o registro muito vivo

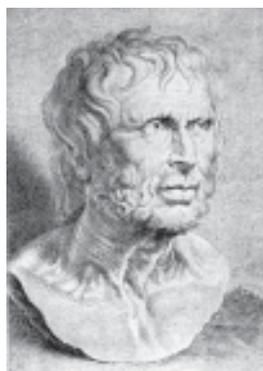
e positivo quanto ao nexu de Hobbes, em certo aspecto, em relação a Lucrécio, quanto ao vínculo dos *Ensaíos* de Montaigne, de parte da reflexão de Espinosa, de Rousseau no conjunto de sua reflexão, ou de enunciados centrais de Kant, ou mesmo de Schopenhauer, frente aos escritos de Sêneca, etc.

O autor estóico ora referido, situado no terceiro período do estoicismo, que se convencionou chamar, como já adiantamos, de estoicismo romano ou imperial, no qual é acompanhado pelo escravo Epicteto e pelo imperador Marco Aurélio, deixou um vasto legado filosófico e literário, responsável pelo destaque que alcança no quadro da aludida tendência especulativa, a qual desejamos tomar como objeto de uma rápida e sintética análise. No contexto desta produção teórica aparece o pequeno opúsculo intitulado *De brevitae vitae*, publicado em 47 d.C., o qual merece ser estudado porque lança luzes sobre o conjunto de sua obra, permitindo-nos chegar a um entendimento mais profundo sobre ela, sem contar ainda que atraiu o interesse de leitores importantes desde a Renascença.

Pertencente ao gênero *exhortatio ad philosophiam*, próprio da especulação que se desenvolve na Antigüidade, o *De brevitae vitae* busca sustentar que a vida humana não é breve desde que seja bem vivida, o que implica, fundamentalmente, em buscar certificação sobre o significado do conhecimento filosófico, visto por Sêneca como o maior dos saberes. Munido deste conhecimento um homem pode aspirar ao bem viver, a desfrutar de uma existência plena, a alcançar as mais altas aspirações humanas. O objetivo deste artigo reside em explorar esse aspecto no pequeno tratado moral de Sêneca, correlacionado justamente à defesa da filosofia, perseguindo os argumentos que lhe concedem sustentação. Tocaremos os outros elementos teóricos afins a esse assunto colocado em pauta, que

contribuem para formar a pedra de toque de toda a reflexão do filósofo, mas o deixaremos num plano secundário dado o espaço curto que aqui nos é reservado.

O capítulo I do opúsculo *De brevitare vitae*, com efeito, apresenta, em seus desenvolvimentos iniciais, a idéia de que a Natureza, dada sua generosidade, estabeleceu o tempo de duração da vida humana no nível exato da suficiência. A conseqüência disso é que o homem não tem o direito de se queixar, cabendo-lhe apenas cumprir a contento, pois, com suas determinações, realizar todas as coisas grandes, e chegar à finalidade para a qual veio ao mundo. Mantendo-se dentro da ordem universal, esse último haverá de chegar no final da trajetória em pleno acordo com os ditames de seu ciclo próprio de vida, estabelecido previamente pelo supremo artífice.



Ora, se é assim que as coisas funcionam, quando a vida passa a impressão de ser algo demasiado breve para os propósitos a que se destina deve-se isso unicamente à imperícia dos homens na maneira de desfrutá-la. Quer dizer, um semelhante sentimento justifica-se, malgrado a opinião diametralmente oposta, somente pela falta destes na forma de conduzir-se ao longo de seus dias. Em suma: “não recebemos uma vida breve, mas a fazemos, nem somos dela carentes, mas esbanjadores” (Sênèque: 1962, p. 695).

Agora, no que consistiria essa ausência de destreza que faz com que seja despertado o sentimento de que a vida humana é breve? Esse sentimento desolador, segundo o texto do autor romano, tem origem em vários fatores. O homem ora se perde manifestando preocupação e interesse por assuntos inúteis; ora consome-se na procura da realização do desejo incontido de alcançar riquezas materiais a fim de obter segurança e prestígio na sociedade; ora se vê acossado por uma vaidade excessiva; ora persegue o poder enleando-se nos afazeres da vida pública; ora é atormentado, enfim, por paixões desmesuradas e levado em sua vida por vícios de toda ordem. Interessa no momento, entretanto, saber qual o caminho que permite inverter esse curso atroz, criando-se possibilidade de se orientar para o plano do conforto espiritual e da vida feliz.

O ideal senequiano e estóico reside na perseguição do feito de ver o homem no estado de senhor de si mesmo, no posto privilegiado de alguém que não se encontra submetido à fortuna, às forças do acaso. Para chegar a esse fim, este último precisaria alcançar o domínio sobre si mesmo, precisaria atingir o autoperfencimento, e revelar-se, por conseguinte, um ser inteiro e unificado. Somente trabalhando nessa direção é que ele poderia se tornar um “homem de íntegra e sólida liberdade, desapegado, senhor de si e bem acima dos demais” (Sênèque: 1962, p.700).¹

Sêneca indica que os homens, em sua boa parte, não têm se conduzido nessa direção ao longo da História. Muitos revelam desconsideração frente a algo tão grandioso como é o tempo; muitos assumem condutas como se fossem imortais, adiando sempre o contato consigo mesmo, protelando o esforço de conhecer-se que lhe daria chances de se tornar melhor. O concreto viver estaria na consideração da vida presente, na tentativa de

formular juízos sensatos no instante em que se surge colocado no mundo, desfrutando das múltiplas experiências que a vida oportuniza. “Protelar é do maior prejuízo para a vida: arrebatá-nos cada dia que oferece a nós, roubá-nos o presente ao prometer o futuro” (Sêneca: 1962, p.704). O homem cria obstáculos para chegar a esse elevado objetivo quando fica preso, segundo Sêneca, às expectativas: “o maior impedimento para viver é a expectativa, a qual tende para o amanhã e faz perder o momento presente” (Sêneca: 1962, p.704).

O exercício de reflexão, a prática do autocultivo interior, serve como indicativo do afastamento do indivíduo deste mal da protelação ao mesmo tempo em que representa o registro claro da estima e do respeito que devota a si mesmo. Dado a esse entendimento é que Sêneca pode interrogar seu interlocutor sobre o fato de se ele sente ou não sente vergonha de viver fugindo de si mesmo na medida em que produz sucessivos adiamentos, tendendo, aliás, a conservar-se no mesmo ritmo até ao fim de sua vida:

Não te envergonhas de reservar para ti apenas as sobras da vida e destinar à meditação somente a idade que já não serve mais para nada? [...] Que negligência tão louca a dos mortais de adiar para o quinquagésimo ou sexagésimo ano os prudentes juízos, e a partir deste ponto, ao qual poucos chegaram, querer começar a viver (Sêneca, 1962, p.698).

Sêneca condena as pessoas excessivamente ocupadas, indica que estas são as que padecem primeiro da ânsia do futuro e logo após sentem tédio de seu viver presente, sem contar que não querem ainda saber de seu passado dado a aflição que lhes causa enxergar-se. Os que agem de maneira adequada, para o filósofo estoíco, contam com espaço para si mesmos, gozando de verdadeiro ócio, o qual se

requer, vale dizer, para assegurar este privilégio e tornar a vida temporalmente suficiente. Sem viver a aflição gerada pelo vazio existencial, estes últimos mobilizam suas forças para se examinarem, para se descobrirem, e saboreiam então as coisas realmente: “o que emprega todo o tempo consigo próprio, que ordena cada dia como se fosse uma vida, nem deseja o amanhã, nem o teme” (Sêneca, 1962, p. 703).

Gozando de bom senso, os verdadeiramente ociosos não se perdem com futilidades, mas compreendem, por exemplo, o papel concreto do conhecimento o qual, no entender do autor romano, deve ser produzido visando “minorar os erros, [refrear] as paixões, [e fazer o homem] mais generoso, mais corajoso, mais justo” (Sêneca, 1962, p. 711).²

A reflexão, o exercício especulativo, que representa o caminho para se ter uma vida intensa, sendo algo próprio da natureza humana, deve encontrar, com efeito, algum suporte, alguma fonte histórica de apoio, para fornecer-lhe autêntico sentido e mesmo o reconhecimento. É pensando assim que Sêneca acha espaço para elogiar a Filosofia e os Grandes Filósofos diante de seu interlocutor, o amigo Paulino.³ O pensador acredita que o envolvimento com tal atividade representa a maneira ideal de preencher-se o tempo ao longo dos dias, e os grandes protagonistas deste saber peculiar, cujo conhecimento nos é transmitido pela História, aparecem em sua obra como aqueles que compreendem o que define o estado concreto de ócio: “dentre todos os homens somente são ociosos os que estão disponíveis para a sabedoria; eles são os únicos a viver, pois, não apenas administram bem sua vida, mas acrescentam-lhe toda a eternidade” (Sêneca, 1962, p.712).

Os grandes filósofos, para Sêneca, foram figuras exemplares, e todo homem que almeja estar em dia com sua obrigação, com seu dever, desejando subir na escala da humanidade e

SÊNeca E A PLENITUDE DA VIDA HUMANA COMO PRODUTO DO CULTIVO DA FILOSOFIA

superar suas fraquezas, precisa certificar-se das lições legadas a nós por estes: “podemos afirmar que se dedicam a verdadeiros deveres, somente aqueles que desejam estar cotidianamente na intimidade de Zenão, Pitágoras, Demócrito, Aristóteles, Teofrasto e os demais mestres da virtude” (Sênèque, 1962, p.713).



A sublimidade desses homens estabeleceu-se pelo fato de eles perseguirem incansavelmente os dados eternos, definiu-se em razão de eles perscrutarem sobre o ilimitado, e produzirem um saber que se conecta com a esfera tanto do humano como do divino. Se as coisas materiais produzidas pelo ser humano com grandes custos são precípuas, o mesmo não se dá com aquilo que se relaciona com a sabedoria. Inclusive, essa última é sempre ampliada pelas ações, pelas intervenções teóricas, nobres e elevadas, dos filósofos porque eles afastam-se da lei do gênero humano e alongam os limites comuns dos mortais. Por

esse motivo não experimentam o sentimento de que a vida humana é breve, de que seu sentido liga-se ao acaso, de que existe alguma razão para se temer o presente, etc:

As dignidades, os monumentos, tudo o que a ambição impôs por decretos, ou construiu com o suor, depressa há de cair em ruínas: não há nada que a longa passagem dos anos não destrua ou desordene. Mas ela não pode tocar nos conhecimentos que a sabedoria consagrou, nenhuma idade os destruirá ou diminuirá, a seguinte e as sucessivas sempre hão de aumentá-los ainda mais: pois a inveja tem olhos apenas para o que está próximo de si, e admiramos com menos malícia o que está distante. Portanto a vida do filósofo estende-se por muito tempo, e ele não está confinado nos mesmos limites que os outros. É o único a não depender das leis do gênero humano: todos os séculos servem-no como a um deus. Algo distancia-se no passado? Ele recupera-o com a memória. Está no presente? Ele o desfruta. Há de vir no futuro? Ele o antecipa. A reunião de todos os momentos num só torna-lhe longa a vida (Sênèque, 1962, p.713-714).

A Filosofia persegue, como já dissemos, aquele conhecimento especial que atinge âmbitos abstratos chegando não só ao nível humano, mas também ao divino. Não obstante, ela fornece da mesma forma um saber prático que permite ao homem bem se conduzir em sua vida. Prendendo-se a essa esfera mais concreta, o indivíduo passa a entender que não é sábio, por exemplo, gravitar de um prazer a outro, extraviando-se em meio a vários. Sábio mesmo é tomar as rédeas da própria existência, combatendo os vícios, buscando tornar-se esclarecido sobre as coisas mais emergentes, visando ao final não se aterrorizar com a possibilidade de chegada, a qualquer momento, de sua própria morte. Isso que é intrínseco à atividade filosófica, no âmbito das verdades

morais ou práticas, fornece ao homem o sentimento de que a vida é longa bem como lhe preenche com a sensação de que produz alguma coisa realmente, reconhecendo o exemplo deixado pelo passado, o valor que carrega o presente, e a falta de razão que significa conservar qualquer receio em relação ao futuro. Sêneca encerra seu percurso no *De brevitae vitae* revelando mais objetiva e diretamente a intenção pela qual viu-se estimulado a escrever-lhe. Ele visava, fundamentalmente, convencer seu interlocutor, o amigo Paulino, da importância de ele se ocupar com os estudos filosóficos visto que isto é que valeria a pena realmente fazer. Ao mover-se em tal direção e exercitar-se nesse sentido, ele teria a garantia de se apropriar do saber essencial de que era carente. Isso não se deu com o envolvimento que manteve com a vida pública, com supostas funções administrativas, e com seu extravio na multidão, vivendo afastado do ócio e mergulhado em preocupações banais. Seria na vida retirada e na tranqüilidade, possibilitada pelo distanciamento dos afazeres da vida pública, que poderia dar forma, em síntese, ao saber de que experimentava realmente falta:

Portanto, meu caro Paulino, aparta-te da multidão e, já bastante acochado pela duração de tua existência, não te afastes de um porto mais tranqüilo. Pensa quantas vagas já te acometeram, quantas tempestades, de uma parte, já suportaste na vida particular. Teu valor já foi suficientemente testado, em fatigantes e atormentadas provas, o teu valor: tenta ver o que pode realizar no ócio. A maior parte de tua vida, e certamente a melhor, foi dada à República, toma também para ti um pouco de teu tempo. Não te convoco a um retiro indolente e inativo, nem a afogar todo o teu vigoroso caráter no sono ou nos prazeres caros à multidão: isso não é estar em sossego. Encontraras tarefas maiores que todas as que cumpristes devotadamente até aqui, as quais executarás no retiro e livre de preocupações (Sênèque, 1962, p.716-717).



SÊNeca E A PLENITUDE DA VIDA HUMANA COMO PRODUTO DO CULTIVO DA FILOSOFIA

Sêneca está certo de que o saber resultante da atitude filosófica é superior ao conhecimento que emana das ocupações na vida diária, das atividades práticas, dos afazeres ligados à busca da subsistência dos quais nos fornece como exemplo, aliás, a vida de certos homens com atribuições próprias da atividade agrícola e da pecuária. É o primeiro gênero de saber que, pelo fato de ser de uma outra ordem, cria possibilidades, na visão do pensador estoíco, da conquista da virtude, da liberdade, e da felicidade dos homens:

Acaso tu pensas serem o mesmo estas duas coisas: cuidar que o trigo seja transportado ao celeiro, intacto e a salvo da fraude ou negligência dos carregadores, que não se estrague pela fermentação, que esteja bem seco, que seu peso e medida confirmem, e elevar-se às coisas sagradas e sublimes para conhecer qual é a substância de Deus, seu prazer, sua condição, sua forma, que destino aguarda tua alma, que lugar a natureza nos destina após nos separarmos do corpo, qual a razão por que ela mantém os corpos mais pesados no centro do universo, suspende os altos às regiões altas, eleva o fogo à mais alta, impele as estrelas às suas trajetórias e ainda outras coisas cheias de notáveis maravilhas? Abandona o solo e volta-te a esses estudos! (Sêneca, 1962, p.718).

Conhecimentos dos mais sublimes, portanto, são extraídos da atividade filosófica que gira pela esfera da busca do por que das coisas. Dispondo a se conservar ligado a essa prática, aceitando a idéia de viver subordinado à atitude que lhe é própria, o homem encontraria possibilidades, no entender de Sêneca, de aprender e de amar a virtude, de obter desprezo pelas paixões desmesuradas, e de saber levar a vida com total discernimento, afastando qualquer temor da morte e encontrando a mais alta e sublime tranqüilidade.

T & M

Texto recebido em: 16/04/2007.
Aprovado para publicação em: 12/08/2007.

SOBRE O AUTOR

Arlei de Espíndola é Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor do Colegiado de Filosofia da Unioeste - Campus de Toledo. Endereço eletrônico: earlei@sercomtel.com.br.

ESPÍNDOLA, Arlei de. "Sêneca e a plenitude da vida humana como produto do cultivo da filosofia". *Revista Temas & Matizes - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 10 - 2º Semestre de 2006*, p. 77-85.

NOTAS

1. "El hombre sabio, para todos los estoicos, es dueño de si mismo" (RIST, J.M. *La filosofía estoica*. Barcelona: Grijalbo, 1995, p.140. Ver igualmente RODIS-LEWIS, Geneviève. *La morale stôicienne*. Paris: PUF, 1970.
2. Sêneca condena os vãos conhecimentos em sua grande obra. Apresento um breve texto somente para ilustrar: "Gasta-se o engenho com questões supérfluas: estas teorias não tornam os homens bons, apenas os fazem eruditos. 'Saber' é algo de muito mais vasto e também mais simples: não são precisas muitas letras para os darem um espírito bem formado" (Sêneca. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, p. 586).
3. Paulino, o qual Sêneca toma como amigo, é um homem, vale dizer, que ocupava um alto cargo na burocracia imperial.

REFERÊNCIAS

- SÊNÈQUE. "De la brièveté de la vie". Trad. de Émile Bréhier. In: SCHUNL, Pierre-Maxime. *Les Stoïciens*. Paris: Éditions Gallimard, 1962 (Tome II).
- . **Sobre a brevidade da vida**. Trad. William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 2005 (Edição bilingüe).
- EDELSTEIN, Ludwig. *The meaning of stoicism*. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.
- HADAS, Moses. *The stoic philosophy of Seneca*. New York: Norton & Company Ltd., 1968.
- RIST, J. M. *La filosofía estoica*. Trad. de David Casacuberta. Barcelona: Grijalbo; Mandadori, 1995.
- RODIS-LEWIS, Geneviève. *La morale stôicienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber